



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT I – Identidades, diferenças e desigualdades em debate

Três valores da luta haitiana por reconhecimento em Lajeado



Três valores da luta haitiana por reconhecimento em Lajeado

Letícia Rossi Ortiz¹

Esse resumo refere-se à parte da pesquisa de dissertação de mestrado em andamento que estuda a migração haitiana residente na cidade de Lajeado no estado de Rio Grande do Sul, Brasil. Lajeado é uma cidade de médio porte considerada capital do Vale do Taquari, localizada na região central do estado. Caracteriza-se pela forte presença da atividade industrial, comércio e prestação de serviços. Além disso, a região foi formada pelas migrações históricas alemãs e italianas. A pesquisa pretende compreender a inserção dos migrantes haitianos e haitianas na cidade a luz da condição de imigrante, da constituição das relações raciais no Brasil e do encontro interétnico, a partir de, principalmente, Abdelmalek Sayad, Norbert Elias e Fredrik Barth. Ressaltando as estratégias de inserção dos migrantes, os grupos da sociedade estabelecida com os quais entram em contato e as lutas por reconhecimento empreendidas, partindo de Axel Honneth. Compreendemos, a partir do trabalho de campo e das entrevistas realizadas, que esta luta por reconhecimento concentra-se em torno de três pilares: o trabalho – e não só o braçal –, a legalidade e a confiança revelam-se valores que os haitianos e as haitianas sustentam sobre si mesmos – e que tentam fazer compreender a sociedade lajeadense –.

Palavras-chave: migração haitiana; migrações internacionais; mobilidade humana; migrações contemporâneas; reconhecimento.

¹ Bacharel em Relações Internacionais, mestranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, CAPES, lerossiortiz@gmail.com.

Os haitianos começaram a chegar ao Brasil em fevereiro de 2010. A primeira porta de entrada foi por Tabatinga, no Estado do Amazonas, na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Handerson (2015) reconstrói e relata a chegada dos primeiros grupos, atendidos pela Pastoral da Mobilidade Humana. O que primeiro pensou-se ser casos isolados de migrantes que desejam passar pelo território brasileiro a fim de chegar a Guiana Francesa, logo se constituiu como um fluxo migratório crescente entre Haiti e Brasil. Em 2011, a Polícia Federal registrou a entrada de 481 haitianos; em 2015, esse número chegou a 14.535². Os números absolutos são difíceis de precisar, pois o mundo da mobilidade humana é constantemente fluído e se revela em permanente movimento. No entanto, a partir de notícia publicada pelo Portal Brasil em setembro de 2016³, estima-se um total aproximado de 80 mil haitianos formalizados a partir da obtenção do visto humanitário ou em processo para a obtenção de residência permanente.

A chegada dos migrantes haitianos ao sul do Brasil, mais precisamente no Vale do Taquari⁴, é relatada em BARBOSA (2015) a partir da demanda de frigoríficos da região por trabalhadores: o primeiro grupo, composto por 50 haitianos chegou em outubro de 2012; três meses depois, um segundo grupo chegaria à região e a partir de então, as principais cidades da região (Encantado, Arroio do Meio, Lajeado, Estrela) passaram a receber imigrantes de forma crescente, atraídos pela demanda por trabalhadores no polo frigorífico, nas indústrias de alimentos e nos setores ligados à construção civil (MEJÍA *et al*, 2014). Esses frigoríficos, vendo nessa migração uma oportunidade para gerir a sistemática falta de mão de obra do setor nessa região, enviaram representantes ao norte do país e trouxeram os primeiros grupos para alocação profissional em suas plantas produtivas.

Nas reflexões que seguem essa breve introdução, recortaremos a análise na presença haitiana na cidade de Lajeado. Lajeado é a maior cidade do Vale do Taquari, com 80.438 habitantes (FEE, 2015) – concentrando aproximadamente 23% da

² Dado disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>.

³ Dado disponível em : <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/09/governo-prorroga-visto-humanitario-para-haitianos>.

⁴ “O Vale do Taquari é uma região formada por 36 municípios. Está localizado na Região Central do Rio Grande do Sul e fica em média 150 quilômetros de Porto Alegre. Ocupa uma área de 4.826,7 km² de área (1,79% da área do RS), onde vivem 348.435 pessoas (3,11% da população do RS – dados FEE/RS 2014). Esta população é formada por várias etnias, em especial as de origem alemã, italiana e açoriana.” Disponível em: <http://www.cicvaledotaquari.com.br/cic-vt/o-vale-do-taquari/>

população total dos trinta e seis municípios que compõem o Vale – e um PIB per capita de R\$ 41.682,22 (FEE, 2014). A composição da população é formada majoritariamente por descendentes da imigração italiana e alemã, com presença também, em menor número, de açorianos, negros e indígenas. O município é considerado a capital do Vale do Taquari, devido ao polo de negócios e à economia diversificada que apresenta, por isso, as possibilidades econômicas contribuem para a atração de imigrantes que buscam oportunidades de emprego e melhorias nas condições de vida, próprias e da família. Mejía e Simon (2015) estimaram que a cidade comportava, no momento do relato, cerca de 1000 imigrantes originários de diversos países como Haiti, Senegal, Bangladesh, Índia, Gana, Nigéria, Benin e Afeganistão. A importância da imigração haitiana para a região evidencia-se pela perspectiva de que aproximadamente 70% desses imigrantes fossem haitianos e haitianas (ROLLSING; TREZZI, 2014).

O foco das considerações a seguir parte das relações entre estabelecidos e *outsiders* (no caso, lajeadenses e haitianos) e da condição de imigrante em conjunção com a perspectiva de encontro étnico e estabelecimento de marcadores étnicos autoatribuídos e atribuídos pelos outros. Dessa discussão, partimos para a percepção dos estigmas que essas relações e esse encontro fazem pairar sobre os haitianos e as haitianas do município. Por fim, discutiremos as reações desses indivíduos sobre a forma de uma luta por reconhecimento, em oposição aos estigmas existentes que, a partir de dados preliminares de campo, se expressa por três valores: trabalho, legalidade e confiança.

Elias (2000), no *Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders*, discorre sobre as autoimagens, ou autorrepresentações, que os grupos em convivência têm de si e dos outros e como essas imagens e representações conectam-se com a condição de estabelecido e de *outsider* e as relações de poder existentes entre ambos, fruto dessa própria condição. Tais relações de poder permitem que os primeiros projetem estigmas sobre os segundos, processo a que Elias chama de “sociodinâmica da estigmatização”. O autor sustenta que essa estigmatização só é possível quando o grupo estabelecido tem acesso a posições de poder excluídas do alcance do grupo estigmatizado. No caso da imigração, essa exclusão é contundente em diversos níveis, desde uma perspectiva institucional na qual, “o Estado reconhece que esse estrangeiro é um sujeito de direitos humanos, no entanto o impede de participar do espaço público, como sujeito de seu próprio destino”. (REDIN, 2013, p. 30); somada a vinculação

necessária ao trabalho econômico como forma de afirmação e razão de ser do estrangeiro, trabalho esse, entretanto, subalterno e braçal. A posição de *outsider* dos imigrantes aparece então como fato social total (SAYAD, 1998). Sayad (2000) reforça essa percepção ao se referir aos imigrantes como deslocados:

Deslocado no sentido próprio do termo, no sentido do deslocamento no espaço, o imigrante é também deslocado de uma maneira diferente, presença imprópria, é deslocada no sentido em que se diz que uma palavra está deslocada. (SAYAD, 2000, p. 11).

Essa percepção de não-pertencimento espacial é evidente na categoria sociológica cunhada por Georg Simmel acerca do estrangeiro como o indivíduo que originalmente não fazia parte do espaço e que ao adentrá-lo traz consigo características não-indígenas a ele (SIMMEL, 1971). A percepção de Simmel de um movimento de distância e proximidade envoltas na relação com o estrangeiro o aproxima da definição de deslocado de Sayad. O estrangeiro passa a estar presente no contexto que se considera, ao mesmo tempo em que se constituiu, por sua própria natureza, em um elemento exterior a ele. Ambas as definições – seja a de deslocado, seja a de estrangeiro – remetem ao fato de que a presença do imigrante não pertence originalmente ao lugar no qual se encontra. Goffman (1982) coloca a pertença a grupos étnicos estigmatizados como um dos três tipos de estigmas que podem se constituir como causa de relações sociais ritualizadas a fim de excluir os indivíduos portadores do estigma e de reduzir a multiplicidade de seus seres à característica estigmatizadora, ou seja, a condição de imigrantes.

Diehl (2017) trata, em sua dissertação, dos processos de racialização e estigmatização dos haitianos em Lajeado. Partindo da perspectiva de que os estabelecidos, ao tomarem ciência da presença dos haitianos, um grupo étnico estrangeiro, passam por um processo de estranhamento. “O outro – representado na figura do imigrante – é visto como um estranho, aquele que representa uma possível ameaça ao que até então era estabelecido no cotidiano.” (DIEHL, 2017, p. 119). O autor segue relatando como esses processos de racialização e estigmatização oriundos do encontro interétnico criaram uma imagem do haitiano em Lajeado. Primeiramente, a imagem do Haiti como país pobre, terra de desordem e caos foi associada aos imigrantes haitianos presentes na região, visto como possíveis agentes do atraso e, logo, um risco para a região. (DIEHL, 2017, p. 120).

Deve-se compreender que em regiões do estado do Rio Grande do Sul como Lajeado e todo o Vale do Taquari, por existir uma forte presença da colonização europeia, alguns elementos étnico-raciais ainda são presentes em conversas informais, por isso, as pessoas ainda levam em consideração a etnia de cada indivíduo da cidade, buscam saber o seu sobrenome para classificar em uma escala simbólica de valor, pois o sobrenome atribui valor ao indivíduo, além é claro do fato de as pessoas mais velhas (ou de cidades menores do Vale) possuírem o hábito de falar mais o alemão e italiano do que o português, inclusive alguns idosos não falam muito português. (DIEHL, 2017, p. 123-124).

Além da associação a esta imagem do Haiti, também a população lajeadense efetuou, em um primeiro momento, uma transferência aos haitianos da imagem que mantém a cerca da população negra residente na região (DIEHL, 2017), de modo que a constituição das relações raciais no Brasil consiste em favor imprescindível para compreender as imagens criadas sobre os haitianos dado o racismo pungente que permeia as relações sociais. De forma que o estigma de preguiça, vagabundagem e mau cheiro foi transferido aos haitianos (DIEHL, 2017).

Entre os estigmas mais presentes que a população estabelecida alega que os haitianos tenham inerentes é de que a sua cultura é inferior que a dos cidadãos da cidade e que a presença destes imigrantes vai trazer um atraso para a região, assim como eles possuírem uma má higiene, muitos estabelecidos reclamam do suposto odor que eles exalam, há também muito presente a reclamação de que eles são barulhentos, que eles aparentam estar brigando o tempo todo enquanto falam, além é claro da desconfiança de que eles podem ser na verdade terroristas disfarçados. (DIEHL, 2017, p. 137).

No entanto, o autor continua que logo os haitianos começaram a se distinguir dos negros brasileiros pelo trabalho: “os estabelecidos enaltecem o lado trabalhador dos haitianos, mas, esperam que os mesmos sejam apenas trabalhadores” (DIEHL, 2017, p. 137). Isso vai ao encontro das formulações de Sayad (1998, p. 54) sobre a condição de imigração: “Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. Apesar dessa visão reduzida ao trabalho que os lajeadenses sustentam dos haitianos, esses abarcam essa identificação com o trabalho, autodefinem-se como trabalhadores sérios, empenhados e confiáveis. No entanto, como demonstrado adiante, reivindicam a capacidade dessa população para outros trabalhos que não apenas o braçal.

Barth (1969) define os grupos étnicos como formas de organização sociais baseadas em marcadores étnicos, que estabelecem as características dos grupos, baseadas em autoatribuição e atribuição por outros. Essas características autoatribuídas e atribuídas por outros passam a figurar enquanto identidade étnica e a organizar as interações entre os grupos. No caso da imigração haitiana em Lajeado, então, é possível pensar essa imagem do haitiano trabalhador como intersecção das visões dos lajeadenses e dos próprios haitianos sobre essa população. Uma imagem construída a partir da interação e do encontro interétnico e da marca comum da migração, importante aspecto de identificação cultural de descendentes de alemães e italianos. Sendo a retórica da imigração tão fortemente construída na região, é possível que tenha acontecido uma transferência da imagem do imigrante histórico para o imigrante crescente.

Isso ficou evidente na realização da Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração realizada pela Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Lajeado (IECLB) ⁵ no dia 27 de Agosto de 2016. O objetivo do evento, segundo divulgado no folheto-convite era “Proporcionar à comunidade lajeadense um melhor entendimento sobre as causas dos fluxos migratórios mundiais e os desafios para os países que acolhem imigrantes.” A organização do espaço foi organizada de modo que o salão parecesse um auditório, com dois blocos de cadeiras dispostas em fileiras e colunas com um corredor entre eles. Na frente, uma comprida mesa com toalha branca com uma bandeira do Haiti estendida no centro. A programação começou as nove horas da manhã, no salão do Centro Comunitário Evangélico da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Lajeado com uma rápida fala do Pastor Luís Henrique Sievers dando as boas vindas aos estrangeiros com uma citação da bíblia⁶, antes de introduzir a

⁵ “A Comunidade Evangélica de Lajeado foi fundada no ano de 1895 por cerca de 30 famílias. A primeira igreja foi inaugurada no dia 05 de fevereiro de 1899. [Atualmente] é composta por cerca de 1.500 famílias-membro, somando um total de mais de 3.000 pessoas batizadas.” Informações disponíveis em: http://www.ieclblajeado.com.br/?page_id=5. Acesso em: 10 de Abril de 2017. O sínodo da região do Vale do Taquari, com sede em Lajeado, constitui-se em um dos dezoito sínodos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB): “A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), com sede em Porto Alegre-RS, tem sua origem no movimento reforma da igreja no século XVI, do qual Martin Lutero foi um grande protagonista. Segundo a Constituição da IECLB, a igreja organiza-se em comunidades, paróquias e sínodos. Em comum, são dirigidos pelo Concílio da Igreja, o Conselho da Igreja e a Presidência.” Disponível em: <http://fld.com.br/page/quem-somos/>. Acesso em: 20 de abril de 2007.

⁶ Mateus 25, 31-40: “³¹E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória; ³²e todas as nações serão reunidas diante

Sra. Herta Welzel, presidente da Comunidade Evangélica IECLB de Lajeado, para o discurso de abertura. Simon, uma liderança haitiana da região, fez tradução simultânea durante todo o evento para o *creole* haitiano. Havia senegaleses, cubanos e nigerianos na plateia também.

A abertura foi feita pela Sra. Herta Welzel. Ela começou seu breve discurso dando as boas-vindas a todos ao evento e ao país referindo-se aos imigrantes. O restante do tempo de discurso usou relatando a experiência migratória de seu bisavô, imigrante alemão que chegou na região do Vale do Taquari quando esse ainda era parcamente povoado e sua vegetação ainda se caracterizava por ser uma mata fechada. A construção de sua fala foi bastante visual ao descrever como ele saiu de casa com uma mala e desembarcou na região sozinho tendo deixado a família para trás. Seguiu a descrição do fervor laboral que permitiu que ele trouxesse a família e fosse bem-sucedido em seu projeto migratório. A intenção clara era estabelecer paralelos com as experiências dos imigrantes recentes que estavam na plateia. A expressão “assim como vocês” ou alguma derivante foi utilizada, diversas vezes, como, por exemplo, em “ele saiu de casa apenas com uma mala, assim como vocês”. Os paralelos entre as imigrações históricas e as imigrações recentes para a região permearam todo o evento e foram constantes nas falas de vários membros da igreja. O mote “Somos todos imigrantes” pontuou toda a concepção do evento e a fala de todos os palestrantes.

Em uma cidade como Lajeado, onde o imaginário popular que envolve a cidade é diretamente ligado às migrações históricas, alemã e italiana, e o migrante é símbolo de sonho, trabalho e desenvolvimento, a diferenciação entre uma elite cristã e os imigrantes recentes não pode ser, pelo menos não abertamente em um discurso público, feita a partir dos signos de nacional *versus* imigrante, sem com que isso entre em choque com a imagem construída sobre a trajetória daquela sociedade e daquelas pessoas a partir dos ideais de italianidade e germanidade, diretamente associados à figura do imigrante. O

dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. ³³E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. ³⁴Então, dirá o Rei aos que *estiverem* à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; ³⁵porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; ³⁶*estava* nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. ³⁷Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quanto te vimos com fome e *te* demos de comer? Ou com sede e *te* demos de beber? ³⁸E, quando te vimos estrangeiro e *te* hospedamos? Ou nu e *te* vestimos? ³⁹E, quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? ⁴⁰E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim *o* fizestes.” In: Novo testamento. Bíblia Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995, p. 45.

Pastor Luís reconhece essa realidade quando tece e narra as ações de sua comunidade quando essa entra em contato com as migrações recentes da região:

A coisa foi crescendo aos poucos⁷. Essa relação, esse compromisso com a acolhida dos imigrantes. Também não é de se negar que no grupo de diaconia que então assumiu um pouco mais forte esse causa houve muita discussão, mas será que eles não estão sendo usados politicamente. Já começava naquele tempo, um pouco, dúvidas em relação aos objetivos então de trazer estrangeiros. Mesmo que em 2010 tenha dado aquele terremoto no Haiti e que o Brasil se comprometeu a acolher e a ajudar na reconstrução do país lá, mas também a acolher pessoas aqui concedendo trabalho numa época em que o Brasil também tava precisando de mão-de-obra. O desenvolvimento tava bastante grande do país, mas quando começou a sentir a crise o país, as pessoas também começaram a se perguntar, aí também surgiu a questão dos sírios. Puxa vida, como é que nós vamos fazer. Essa discussão veio, então nós lemos no grupo muitos artigos de jornais, aqui no Rio Grande, o que tava acontecendo no mundo, no Brasil. Isso abriu muito o olhar de muitas pessoas da comunidade pra esse compromisso social que nós temos com os estrangeiros que vem pra cá. Até porque essa é uma região aqui de muitos imigrantes italianos, alemães que vieram no tempo logo depois da, em 1822, quando o Brasil se tornou independente, digamos assim, de Portugal, mas que precisava ocupar certos espaços. 1824 vieram os alemães pra cá. Então, se nós olharmos para as pessoas que aqui se instalaram, seja na serra, seja aqui na planície do Rio Grande, são imigrantes. São pelo menos senão filhos, netos, bisnetos, tataranetos de imigrantes. Então, isso tá no nosso sangue. Seria uma coisa um pouco irônica até, se a gente como filhos de imigrantes não tivesse um olhar, não tivesse um coração, uma preocupação e um compromisso de acolher os novos imigrantes que vem pra cá na região agora por outros motivos, por causa de uma catástrofe ou atrás de emprego nas cidades. Os primeiros que vieram para cá, eles queriam ocupar terras a grande maioria, e há interesse do governo brasileiro na época em ocupar terras, garantir espaços territoriais pra não perder essas áreas para os espanhóis, sejam eles uruguaios, argentinos, paraguaios. Então a gente começou a ver que nós temos que guardar, recordar a nossa própria história passada pra que a gente consiga repensar a nossa postura, a nossa posição em relação aos novos imigrantes. Começou a perceber que nós temos sim um compromisso com eles, não importa os motivos que eles venham pra cá. Nem sempre a gente tem um controle absoluto disso.

As relações de alteridade fazem-se presentes, no entanto, mas penso que não abertamente pela oposição nacional/estrangeiro. A desconfiança materializa-se sobre outros aspectos, “será que eles não estão sendo usados politicamente” perguntou-se o grupo que discutia a presença desses imigrantes em sua cidade. Notável também foi a baixa participação dos membros da igreja na Oficina. Excetuando as pessoas da organização do evento, os palestrantes e alguns jornalistas, na plateia podia-se contar

⁷ Pastor Luís refere-se a aproximação com os imigrantes haitianos.

nos dedos as pessoas da comunidade que, segundo o site, soma mais de três mil membros. A grande maioria dos participantes eram haitianos. Senegaleses, por volta de quinze deles, também faziam maior número que os lajeadenses.

Esses são aspectos sutis da alteridade entre os grupos que estavam ali representados. Minha percepção é de que essa alteridade seria tangenciada pelo discurso “Somos todos imigrantes” se os próprios haitianos e haitianas não tivessem tomado para si a responsabilidade de expor as fragilidades dessas palavras, ao questionar as pessoas da mesa e, conseqüentemente, os lajeadenses e, até mesmo, os brasileiros e o Brasil como um todo, por seu comportamento e suas contradições.

Elias (2000) relata que no curso das relações entre estabelecidos e outsiders, o grupo estigmatização passa, ele mesmo, a si ver como inferior, a partir da ótica do estigma perpetuado. No entanto, Honneth (2009) aborda a questão de como a negação de um estima social pode engendrar um processo de busca por reconhecimento por parte do grupo estigmatizado, já que “nas sociedades modernas, as relações de estima social estão sujeitas a uma luta permanente na qual os diversos grupos procuram elevar (...) o valor das capacidades associadas à sua forma de vida”. (HONNETH, 2009, p. 207).

Trata-se do processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações ampliadas de reconhecimento. (HONNETH, 2009, p. 257).

Não estamos tentando afirmar que existe algo como um movimento social organizado, nem um movimento social em gestação, dos haitianos em Lajeado. A tentativa da criação da “Associação dos Imigrantes Haitianos, demais imigrantes e descendentes” ainda não pode ser efetivada e, no momento em que for institucionalizada, não quer dizer que servirá a esses propósitos. No entanto, acreditamos poder apontar que o estigma é, em certa medida, combatido (ou há a tentativa de combatê-lo) pelos haitianos através do realce de características escolhidas e valoradas como pertencentes ao grupo e de um esforço para que a sociedade lajeadense reconheça-as. Assim, o grupo apresenta-se como trabalhador, legalizado e confiável. Essas três características devem ser percebidas a partir de uma perspectiva interacionista, pois visam reagir à concepção de ilegalidade e suspeita que cercam o imigrante. No caso do trabalho, há o enlace da visão do haitiano trabalhador sustentada

pelos lajeadenses, mas o combate de uma visão do trabalho diretamente ligado a serviços braçais e a sustentação das capacidades intelectuais da população haitiana.

Essas três demandas ficaram evidentes durante a realização da “Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração”, a partir da participação dos haitianos e das haitianas com os questionamentos que eles trouxeram aos palestrantes e organizadores do evento. No que concerne à questão do trabalho, verifica-se o combate da visão de que o único trabalho possível para a população haitiana é o trabalho braçal:

O primeiro haitiano a se manifestar continuou seu posicionamento com uma segunda pergunta, também se referindo à fala anterior da palestrante quando ela disse que as migrações históricas para o Brasil não eram qualificadas e que havia muitos dentro os imigrantes recentes com qualificação subutilizada no mercado de trabalho, questionando que se ‘os antepassados não tinham uma capacidade intelectual, mas a nova imigração tem e o Brasil sabe disso, na teoria, se o Brasil abriu a porta e dá o visto pra viver, dizendo que temos os mesmos direitos e o Brasil sabe da nossa capacidade intelectual e precisa de profissionais, porque o Brasil só encaixa [os imigrantes] no trabalho braçal, mas intelectualmente não encaixa, por que? Essa primeira intervenção foi ovacionada pela plateia assinalando a absoluta concordância dos imigrantes a essas palavras. Aplausos e risos soaram pelo ambiente e o haitiano que as proferiu foi saudado por seus companheiros ao sentar entre eles novamente.

Também a segunda pessoa a se manifestar fez pronunciamento semelhante, concernente à percepção dos brasileiros sobre as habilidades e a formação dos haitianos. Essa segunda pessoa também foi um homem haitiano jovem que usou de forte tom reivindicativo de forma crescente em suas palavras, ele soou quase indignado ao final de sua participação, e novamente a audiência correspondeu à manifestação com ascendente comoção que se traduziu em ruídos de conversas paralelas por todo o ambiente.⁸

Além do trabalho, há a questão da legalidade que está diretamente ligada à questão da confiança. A maioria dos haitianos no Brasil está legalizada a partir da emissão de vistos humanitários e de processo de requisição de permanência. No entanto, a desconfiança⁹ sobre quem são essas pessoas e o que exatamente elas fazem no Brasil permeia as interações e o imaginário dos lajeadenses sobre essa imigração.

⁸ Trecho retirado do diário de campo fruto da observação participante realizada durante a Oficina.

⁹ “A coisa [a aproximação com os haitianos] foi crescendo aos poucos. Essa relação, esse compromisso com a acolhida dos imigrantes. Também não é de se negar que no grupo de adiaconia que então assumiu um pouco mais forte esse causa houve muita discussão, mas será que eles não estão sendo usados politicamente. Já começava naquele tempo, um pouco, dúvidas em relação aos objetivos então de trazer estrangeiros. Mesmo que em 2010 tenha dado aquele terremoto no Haiti e que o Brasil se comprometeu a acolher e a ajudar na reconstrução do país lá, mas também a acolher pessoas aqui concedendo trabalho numa época em que o Brasil também tava precisando de mão-de-obra. O desenvolvimento tava bastante grande do país, mas

Quando aberto para as perguntas, vários haitianos demonstraram imediatamente a intenção de se manifestar. O primeiro a quem foi dada a palavra, homem e jovem aparentando ter entre 20 e 30 anos retomou a fala da palestrante dizendo que ela afirmou que o Brasil é um país racista e que, pela legislação, não confia no imigrante. E seguiu afirmando imponentemente que “nós, os haitianos, não fugimos do Haiti, foi um acordo diplomático assinado para acolher. Não fugimos.”. E em seguida perguntou, com o apoio dos haitianos e haitianas da plateia que afirmavam a concordância com suas palavras com acenos enfáticos de cabeça demonstrando anuência a essas palavras – uma voz feminina, inclusive, ergueu-se às demais e um “bom!” soou pelo salão –, “se o Brasil abriu as portas para nós, dando visto, porque a lei não tem confiança? Tem uma nova lei [falou se referindo ao projeto de lei que naquele momento estava em tramitação no parlamento, essa lei confia ou não? Porque o Brasil nos recebeu e até agora não confia em nós.”

Também Simon é um exemplo dessa busca por confiança. A primeira vez que visitei o Centro de Referência em Assistência Social onde ele trabalha, em sua companhia, no dia 29 de julho de 2016, ficou evidente o desejo que tinha em mostrar o acesso que ele tinha ao lugar. Fez questão de deixar claro para mim que tinha as chaves de todas as portas, mostrando-as, que podia entrar e sair do prédio quando quisesse, sem a necessidade de informar a alguém ou pedir permissão e que as pessoas ali confiavam nele e no trabalho que faz com os imigrantes.¹⁰

Contra essa suspeição e essa visão de ilegalidade, os haitianos esforçam-se em criar uma imagem de confiança e respeito à lei. A referência ao acordo diplomático, além do fato do então presidente brasileiro Lula ter ido ao Haiti em visita oficial, logo após o terremoto de janeiro de 2010, e ter afirmado, na ocasião, que as portas do Brasil estavam abertas aos haitianos é, geralmente, trazido à tona nas conversas com os haitianos. O constante reforço da ideia de que não são fugitivos reforça, ao mesmo tempo, que são legalizados e confiáveis. A partir disso, o trabalho – e não só o braçal –, a legalidade e a confiança revelam-se valores que os haitianos sustentam sobre si mesmo – e que tentam fazer compreender a sociedade lajeadense –.

quando começou a sentir a crise o país, as pessoas também começaram a se perguntar, aí também surgiu a questão dos sírios. Puxa vida, como é que nós vamos fazer?”. Trecho da entrevista realizada com o Pastor Luís Henrique Sievers, responsável pelo projeto de integração.

¹⁰ Trecho retirado do diário de campo fruto da observação participante realizada durante a Oficina.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lorena Salete. **Imigrantes Haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Catarina Chitolina Zanini.

DIEHL, Fernando. **Estrangeiro em uma terra estranha: racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado**. Dissertação [mestrado] – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monama.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FUNDAÇÃO ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Lajeado. Perfil socioeconômico**. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Lajeado>.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Orientador: Prof. Dr. Federico Guillermo Neiburg.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. Invisibilidad. Sobre a epistemologia moral del reconocimiento. In: HONNETH, Axel. **La sociedad del desprecio**. Madrid: Editorial Trota, 2011, p. 165-181.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; GRANADA, Daniel. **Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso**. 29^a Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/RS, 2014.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. **Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon**. Lajeado: Editora da Univates, 2015.

REDIN, Giuliana. **Direito de Imigrar: direitos humanos e espaço público**. Florianópolis: Conceito Editorial, 2013.

ROLLSING, Carlos; TREZZI, Humberto. **Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul**. Disponível em:

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante**. Travessia, número especial, jan/2000, p. 7-32.

SIMMEL, Georg. The Stranger. In: SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971, p. 143-149.